

Índice

<i>Introdução</i>	7
O Papel de Parede Amarelo	17

É muito raro que pessoas comuns, como o John e eu, consigam arrendar no verão uma casa senhorial.

Um edifício colonial, uma propriedade que passa de geração em geração, diria até uma casa assombração, capaz de nos levar ao auge da felicidade romântica! Embora isso fosse pedir de mais ao destino.

Ainda assim, noto com orgulho que há qualquer coisa estranha nesta casa.

Caso contrário, porque a arrendariam por um preço tão baixo? E porque teria passado tanto tempo sem inquilinos?

O John ri-se de mim, claro, mas é o género de coisa que costuma acontecer num casamento.

O John é prático até ao extremo. Não tem paciência para a fé, sente uma profunda aversão pela superstição e troça abertamente de qualquer referên-

cia a fenômenos intangíveis ou que não possamos ver e traduzir em números.

Ele é médico, e *talvez* — claro que não confessaria isto a ninguém, mas ninguém vai ler o que escrevo e será um grande alívio para mim —, *talvez*, essa seja uma das razões pelas quais tenho demorado tanto a melhorar.

É que ele não acredita que eu esteja doente.

E que se pode fazer?

Se um médico de prestígio, ainda por cima nosso marido, garante aos amigos e familiares que, na verdade, o único mal de que padecemos é uma depressão nervosa passageira — uma ligeira tendência para a histeria —, que se pode fazer?

Também o meu irmão, um médico igualmente prestigiado, concorda.

Por isso, tomo fosfatos ou fosfitos — ou lá o que é —, entre tónicos, viagens, ar puro e exercício, e estou terminantemente proibida de “trabalhar” até me pôr boa.

Pessoalmente, não concordo com este entendimento da situação.

Na minha opinião, far-me-iam bem algumas atividades aprazíveis, num ambiente de entusiasmo e mudança.

Mas que se pode fazer?

Durante algum tempo, aliás, continuei a escrever, contra o que eles defendiam, mas *é verdade* que cansa muito — ter de ser tão dissimulada para não enfrentar tamanha oposição.

Às vezes, penso que se, nesta situação, tivesse mais convívio e estímulos e menos impedimentos... mas o John diz que o pior que posso fazer é pensar no meu problema, e eu própria reconheço que isso não me faz bem.

Portanto, vou mudar de assunto e falar sobre a casa.

Que lugar lindíssimo! É relativamente isolado, bem recuado em relação à estrada e fica a cerca de cinco quilómetros da aldeia. Lembra aqueles sítios ingleses descritos nos livros, porque tem sebes, muros e portões que fecham à chave, além de casinhas autónomas para os jardineiros e outro pessoal.

Há um jardim *delicioso*! Nunca vi um jardim assim — amplo e com sombras, percorrido por trilhos delimitados por buxo, e ladeado de longas pérgulas com trepadeiras, por cima dos bancos.

Chegou a ter estufas, que agora estão todas dani­ficadas.

Deve ter havido questiúnculas legais, qualquer coisa com os herdeiros e co-herdeiros; de qualquer modo, há anos que ninguém mora aqui.

Talvez isto prejudique a minha teoria sobre os fantasmas, mas não importa: há qualquer coisa estranha nesta casa — sinto isso.

Até comentei com o John, numa noite de luar, mas ele respondeu que o que eu sentia era uma *corrente de ar*, e fechou a janela.

Às vezes, fico tremendamente zangada com o John. Parece-me que não costumava ser tão suscetível. Deve ser por causa deste problema dos nervos.

O John, no entanto, lembra que, se me sentir assim, vou descurar o necessário autocontrole; por isso, tenho o cuidado de me conter — à frente dele, pelo menos —, o que me deixa extenuada.

Não gosto nada do nosso quarto. Preferia outro, no piso de baixo, com vista para o alpendre, uma janela rodeada de rosas e uns cortinados de chita à moda antiga, tão bonitos! Mas o John opôs-se terminantemente.

Contrapôs que esse quarto só tinha uma janela, que não havia espaço para duas camas, nem aposentos próximos em que ele pudesse instalar-se, se quisesse.

É muito cuidadoso e afetuoso; praticamente não me deixa levantar um dedo sem instruções claras.

Tenho todas as horas do dia planificadas; o John não permite que nada me incomode; sinto-me reles e ingrata por não dar mais valor ao que faz por mim.

Explicou que só viemos para esta casa por minha causa, para eu poder usufruir de repouso absoluto e respirar todo o ar puro que conseguisse. “O exercício vai depender das tuas forças, minha querida”, disse ele, “e a alimentação, do teu apetite, mais ou menos; mas ar puro podes respirar quanto quiseses.” Portanto, instalámo-nos no quarto das crianças, no andar de cima.

É um quarto grande e arejado, que ocupa praticamente o piso todo, com janelas com vista em todas as direções, e ar e luz abundantes. Começou por ser o quarto das crianças, depois tornou-se um quarto de brincar, com ginásio, parece-me — as janelas têm grades de proteção para crianças e há argolas e outras coisas nas paredes.

A tinta e o papel sugerem um ambiente de escola para rapazes. O papel foi arrancado em zonas extensas, em torno da cabeceira da cama, até onde o meu